

O FENÔMENO DA MORTE NA PSICOPEDAGOGIA E NO ENSINO RELIGIOSO

Antonio Max Ferreira da Costa

(Ciências da Religião-UERN; Psicopedagogia-UCB-RJ).

RESUMO

Esse estudo é um recorte de uma pesquisa de especialização desenvolvida no programa de pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Castelo Branco – RJ (2007 – 2008). O trabalho visa tecer algumas reflexões da morte como sendo um fenômeno bio-psico-social inerente a condição humana, estando este fenômeno presente tanto no âmbito educacional como na clínica psicopedagógica. A problemática deste estudo encontra-se em compreender que a morte de um ente querido pode causar dificuldades de aprendizagem nos sujeitos, para tanto o trabalho de intervenção fica a cargo do Psicopedagogo e do Professor de Ensino Religioso, uma vez que este último apresenta a morte como um rito das religiões existentes nas sociedades.

Palavras – Chaves: Morte – Psicopedagogia – Dificuldade de Aprendizagem – Ensino Religioso.

INTRODUÇÃO

Este texto resulta de uma discussão apresentada no grupo de trabalho “Leituras sobre a Morte”, ocorrido no período de 20 a 24 de outubro de 2008, dentro da XVI Semana de Humanidades, promovida pelo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Neste artigo se debaterá acerca da morte como sendo um fenômeno bio-psico-social inerente à vida dos seres humanos e que podem causar dificuldades na aprendizagem na vida dos sujeitos que estão inseridos nas esferas da sociedade.

O estudo trás também uma breve reflexão das diversas formas de intervenção, sendo a primeira feita pelo professor de Ensino Religioso e a segunda pelo Psicopedagogo. A intervenção realizada pelo Professor de Ensino Religioso se dá na abordagem preventiva, uma vez que este profissional trabalha na produção do

conhecimento de forma esclarecedora. Já a abordagem do profissional da Psicopedagogia se constitui em minimizar as patologias ou os sofrimentos causados pela morte um ente querido.

O presente artigo é composto de quatro tópicos que são: a definição da Morte, a compreensão da Morte nos séculos XIV, XV, XVI, XIX, XX e XXI, O Psicopedagogo e o Professor do Ensino Religioso frente ao fenômeno da morte, uma conclusão ou considerações finais revendo os avanços alcançados na reflexão do tema e por fim as referências para um futuro aprofundamento do tema da morte.

DEFININDO A MORTE

Antes de se iniciar as definições sobre o que é a morte, na concepção dos teóricos, informa-se logo que o conceito da morte não é algo simples de ser trabalhado, justo por ser um fenômeno altamente complexo e que de certa forma mexe com o interior dos seres humanos. Diz-se isso porque a morte é a única coisa que todos os humanos ou os seres vivos terão que passar uma vez na vida, portanto diante desse discurso pergunta-se o que é a morte?

Responder-se-á esse questionamento dizendo que “a morte é o fim da vida...” (ROSA, 1999: 324).

Para a fenomenologia existencial “A morte é um fenômeno do cotidiano. Vivemos sempre a morte do outro... A morte é a possibilidade mais peculiar irrefutável e irrepresentável do ser-aí” (KOVÁCS, 2002: 147).

Ainda de acordo com Maria Júlia Kovács;

A morte se caracteriza pela interrupção completa e definitiva das funções vitais de um organismo vivo, com o desaparecimento da coerência funcional e destruição progressiva das unidades tissulares e celulares. (KOVÁCS, 2002: 10).

Como se pode ver, a morte é descrita não só como um fenômeno biológico, mas social e psicológico. Essa idéia leva-nos a acreditar que a morte é parte da própria constituição dos seres vivos, pois se entende que no momento do nascimento a morte é uma causa dessa vida, ou seja, a morte é um fenômeno inerente a vida. Isso implica dizer que onde existe vida, existe a morte.

Conforme o exposto entende-se que a morte é também um fenômeno cultural, uma vez que se sabe que para cada cultura ou tradição religiosa a morte tem uma finalidade.

Para os católicos a morte é o passo que os cristãos dão para a vida eterna, que os fiéis dessa tradição religiosa o conhecem pelo nome de ressurreição.

Diferentemente da tradição religiosa católica, os espíritas acreditam que a morte é reencarnação, volta do espírito à vida corpórea, pluralidade das existências. No espiritismo o que morre não é o espírito e sim a matéria.

Além dessas duas concepções sobre a morte, existem ainda aqueles que acreditam na ancestralidade, como é o caso dos indígenas, mas em contrapartida há aqueles que não crêem em nada e por isso define a morte simplesmente como um fato natural e biológico, compreendido como o fim de toda a existência.

COMPREENSÃO DA MORTE NOS SÉCULOS XIV, XV, XVI, XIX, XX E XXI

A morte é um fenômeno complexo e social. Por esse motivo foi descrito nos séculos XIV, XV e XVI, como intimamente ligado as representações artísticas que misturam prazer, sofrimento e morte.

No século XIX, a morte deixa de ser atreladas as representações artísticas e passa a ser considerada como romântica, sendo a mesma capaz de representar o belo, o sublime repouso, a eternidade e a possibilidade de união com o ser amado. Nessa época a morte era vista como um fenômeno desejado, tudo porque o humano pensava reencontrar no além, os seres que se amavam.

O discurso apresentado no parágrafo anterior leva-nos a pensar que no século XIX havia uma idéia de crença na vida futura, ou seja, acreditava-se que haveria uma vida em outro lugar.

No século XX, a morte era apresentada de outra forma e compreendida como vergonhosa. A morte na sociedade do século em questão, dar lugar à vida. O valor desse período é fazer da morte um fenômeno não percebido, pois a boa morte é aquela em que não se sabe se o ser humano morreu ou não.

Foi no século XX que surgiu os hospitais com suas unidades de terapia intensiva e todo seu aparato tecnológico, e a morte que antes era presenciada e vivida de perto se torna mais distante e passa a ser escondida por nós seres humanos nos hospitais e centros de velórios como bem defende Maria Julia Kovács. Esse fato é interpretado como o humano se distanciando de sua própria condição, já que é de vida que se vive a morte.

Neste século XXI, a morte ainda continua sendo escondida dentro dos hospitais e centros de velórios, porém muitos estudiosos têm se preocupando com a investigação científica do fenômeno da morte e já se cogita a possibilidade de trazerem esse tema para ser discutido nas escolas, espaço da aprendizagem sistemática, mesmo

sabendo que esta instituição ainda não se encontra preparada para abordar ou lidar com o complexo fenômeno da morte.

O fenômeno da morte muda de concepção conforme a cultura e a formação religiosa onde se inserem as pessoas e a fase cognitiva em que se encontram, fala-se nisso porque crianças entendem a morte de forma diferente de um adulto.

O PSICOPEDAGOGO E O PROFESSOR DO ENSINO RELIGIOSO DIANTE DO FENÔMENO DA MORTE

O Psicopedagogo é um profissional que trabalha com a interdisciplinaridade, junção de várias disciplinas para se pensar uma temática. O especialista da psicopedagogia lida todos os dias com o sujeito da aprendizagem.

A tarefa do Psicopedagogo é refletir sobre as dificuldades de aprendizagem, tanto no nível preventivo como no nível curativo. O especialista da psicopedagogia atua tanto na esfera institucional como na área clínica.

Na instituição o Psicopedagogo tem como meta organizar o que está desorganizado. É nesse espaço da instituição que o Psicopedagogo dialoga com professores, equipe pedagógica, pais e educandos, fazendo diagnósticos e intervindo quando necessário.

Na clínica o Psicopedagogo tem como objetivos diagnosticar e tratar patologias que estão gerando insucesso ou fracasso escolar. O Psicopedagogo que atua na área clínica tenta na sua intervenção criar um ambiente acolhedor e propício para que o sujeito possa sentir o gosto pelo aprender e pelos objetos do conhecimento, bem como ressignificar o desejo pelo aprender, observando assim o que o paciente tem de positivo, tese defendida pela Psicopedagoga Argentina Alicia Fernández, em seu livro “A Inteligência Aprisionada”.

Defende-se aqui que o Psicopedagogo deve estar atento e conhecer o que significa o fenômeno da morte, pois segundo o pai da Psicanálise Sigmund Freud, em seu texto “Luto e Melancolia”, a perda de um ente querido pode ocasionar a perda de desejo pelas coisas externas.

Sabendo que a morte é um fenômeno que anda lado a lado com os humanos, conclui-se que dia menos dia o Psicopedagogo irá se deparar em seu consultório ou em sua sala da instituição escolar com sujeitos apresentando dificuldades de aprendizagem causadas pela perda de um ente querido. No entanto diante desse argumento o que deve fazer o Psicopedagogo diante da questão da morte?

O Psicopedagogo deve observar na sua escuta clínica a queixa relatada pelos pais no momento do primeiro contato. Feito esse procedimento, o especialista deverá

pesquisar sobre o tema da morte para só depois dar início as sessões de diagnóstico que começa com a entrevista familiar e com a anamnese, visando conhecer a história do paciente.

O diagnóstico é o passo inicial do tratamento psicopedagógico, nele a queixa pode ser confirmada, ou seja, os dados fornecidos pelos pais e pela escola podem ser checados. O diagnóstico é um dos instrumentos mais importantes do Psicopedagogo, pois “não é o paciente que necessita de um diagnóstico, mas o terapeuta, para poder intervir” (FERNÁNDEZ, 1991: 23).

Ainda dentro das sessões de diagnóstico o Psicopedagogo aplicará outros procedimentos tais como: entrevista operativa centrada na aprendizagem (EOCA); provas projetivas; provas piagetianas ou operatórias; hora lúdica; análise do material escolar; provas pedagógicas e visitas a escola.

Percorridas todas essas etapas exemplificadas no parágrafo anterior que servem para a montagem do diagnóstico, deve-se pensar na devolutiva com o sujeito e depois com os pais, já pensando no enquadramento das sessões de intervenção.

Para a intervenção faz-se necessário que o Psicopedagogo crie um planejamento destacando os objetivos que se deseja atingir. O planejamento deve ser composto por conteúdos que se pensa em trabalhar para disparar a aprendizagem, a metodologia adequada à idade do sujeito e por fim uma avaliação para rever os avanços alcançados na aprendizagem durante a execução do planejamento de intervenção.

Na instituição escolar o Psicopedagogo terá primeiramente que saber se a escola tem Psicopedagogo e ou Psicólogo para juntos poderem realizar um trabalho de conscientização onde se envolvam os discentes para juntos refletirem sobre a morte, ressaltando que é importante buscar a cooperação de todos os docentes da instituição.

A cooperação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I vem dos Pedagogos e no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Médio é provinda dos Professores do Ensino Religioso, especialista capacitado para discutir a temática da morte na vida dos humanos, assim como compreender o fenômeno da morte nas várias culturas e tradições religiosas.

O Professor do Ensino Religioso, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais dessa disciplina deve apresentar ou ministrar o tema da morte, contemplados nos eixos temáticos Teologias e Ritos.

Se os Pedagogos não souberem lidar com a questão da morte, devido a sua complexidade e por este tema não fazer parte da sua formação acadêmica, o Psicopedagogo tem por obrigação e responsabilidade de proporcionar um treinamento, bem como desenvolver projetos de ensino interdisciplinares sobre o fenômeno da morte, sem esquecer jamais as etapas do desenvolvimento cognitivo e social em que os sujeitos se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a morte como um fenômeno inerente a vida dos sujeitos e sabendo que este pode causar dificuldades na aprendizagem, não foi algo simples, de ser construído justo pela complexidade do fenômeno, tudo porque cada indivíduo o vive as perdas ocorridas em suas vidas de maneira particular.

Os profissionais que lecionam a disciplina do Ensino Religioso, bem como todos os outros professores, coordenadores pedagógicos, supervisores, orientadores educacionais, psicopedagogos e psicólogos, devem estar atentos e preparados para abordarem o fenômeno da morte, visto que as concepções da morte se dão conforme a idade intelectual e a opção de fé.

O fenômeno da morte para uma criança de dois anos de idade é compreendido de maneira bem diferente do que de um adolescente de quinze anos de idade.

Crianças com dois anos de idade não conseguem ainda fazer distinção entre seres inanimados e animados. Essas crianças negam a morte, pois elas têm dificuldades de separá-las da vida, percebendo-as como reversível. Nessa idade é comum as crianças acharem que a pessoa que morreu pode acordar a qualquer momento, por isso as pessoas que convivem com essas crianças não devem esconder que um ente querido morreu e nem utilizar argumentos de que a pessoa morta viajou.

Já aos adolescentes de quinze anos de idade tem possibilidade cognitiva de interpretar o fenômeno da morte, como sendo algo irreversível e universal.

Por fim diz-se aos Professores do Ensino Religioso que eles devem valorizar a vida, mas também a morte como ritos das tradições religiosas, não devendo este profissional interferir nas escolhas e na posição de fé dos seus educandos, pois o seu papel enquanto Professor não é fazer juízo de valor e nem tornar as pessoas crentes, mas fazer os discentes refletirem sobre o fenômeno da morte que está presente em todos os espaços das sociedades e até hoje o fenômeno em análise é um enigma em que a ciência ainda não conseguiu desvendar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Morte**. Campinas-SP: Papirus, 2000.

BASSEDAS, Eulalia et. al. **Intervenção Educativa e Diagnóstica Psicopedagógica**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOSSA, Nádía. **O Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e de sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia (1856-1939).** Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edições Standard Brasileira, das Obras Completas de Sigmund Freud [E. S. B.], v. 14.

FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Ensino Religioso.** 2. ed. São Paulo: AM edições, 1997.

KASTENBAUM, Robert. **Psicologia da Morte.** São Paulo: Pioneira-editora da Universidade de São Paulo, 1983.

KOVÁCS, Maria Júlia (coord.). **Morte e Desenvolvimento Humano.** 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____. **Educação Para a Morte.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LABAKI, Maria Elisa Pessoa. **Morte.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001-(coleção clínica psicanalítica).

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte.** Lisboa: Publicações Europa-america, 1997.

MCGOLDRICK, Mônica; WALSH, Froma. **Morte na Família: sobrevivendo as perdas.** Porto Alegre: Artemed, 1998.

NOVA ESCOLA: revista de quem educa. Criança Também Fica de Luto. In: _____. **Inclusão: é hora de aprender.** São Paulo: Abril, ano XXII, n. 206, out. 2007.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento de Problemas de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artemed, 1985.

ROSA, Ubiratan (coord.). **Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa Com Separação Silábica.** 9. ed. São Paulo: Rideel, 1999.

WEISS, L. M. **Psicopedagogia Clínica:** uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.